



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14050 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

PELOS LEITOS, MARGENS E MEANDROS: UMA CONVERSA COM CURRÍCULOS FAVELADOS, GASOSOS E HÍBRIDOS NOS COTIDIANOS ESCOLARES

Jeferson Maske - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**PELOS LEITOS, MARGENS E MEANDROS: UMA CONVERSA COM CURRÍCULOS FAVELADOS, GASOSOS E HÍBRIDOS NOS COTIDIANOS ESCOLARES**

**Resumo:** Este trabalho desenha o aprofundamento de algumas considerações apresentadas nos dois últimos capítulos de minha dissertação de mestrado, que abordou a tessitura de conhecimentos marginais *nas*, *das* e *com* as escolas públicas localizadas em favelas e o hibridismo curricular que resulta da mescla epistemológica entre escola, favela e *suas cores*, desenvolvendo a noção de *currículo favelado*. Adota como metodologia a pesquisa nos/dos/com os cotidianos e objetiva, para além das margens da pesquisa, das escolas faveladas e periféricas, apontar a dimensão artesanal desses currículos criados cotidianamente, que são fluidos, híbridos e gasosos, cuja riqueza e autoria não podem ser capturadas pela unificação curricular. Como resultados, aponto que esses currículos, ao mesmo tempo marginais, centrais e antropofágicos, vazam das prescrições curriculares oficiais e criam um lugar próprio nas escolas ainda que tais documentos reafirmem o fito da BNCC, a determinação de habilidades e competências essenciais e a definição de um mínimo comum. Para isso, contudo, pretendo me distanciar das adjetivações que estruturam as favelas como espaços de ausência, sujeira e desorganização. Busco aquela que é capaz de sobreviver a tudo isso, que cria práticas e políticas de resistência em seus cotidianos.

**Palavras-chave:** Currículo. Currículo favelado. Cotidianos escolares. Hibridismo curricular.

Alinhando o primor por uma educação pública de qualidade a uma perspectiva instrumental dos saberes, vivenciamos a padronização dos currículos, das redes de ensino, das aprendizagens, dos conhecimentos e o cerceamento das epistemologias negligenciadas em prol da abusiva redução do conhecimento (MAFFESOLI, 2007, p. 60) ao quantificável, manipulável e admirável. Narcísica e *arrogante* (SÜSSEKIND, 2019), a impetuosidade da posse dos sentidos se corporifica no silenciamento, na sobrecarga de professores, na quantificação das aprendizagens, no ranqueamento das escolas e na culpabilização dos estudantes a partir de uma métrica definida por ela mesma. Este trabalho desenha o aprofundamento de algumas considerações apresentadas nos dois últimos capítulos de minha dissertação de mestrado, que abordou a tessitura de conhecimentos marginais *nas, das e com* as escolas públicas localizadas em favelas e o hibridismo (BHABHA, 2013; BURKE, 2003) curricular que nasce da mescla epistemológica entre escola, favela e *suas cores* (ALVITO, 2001), desenvolvendo a noção de *currículo favelado*.

Percorrendo os leitos dos rios que habitam em nós e ao nosso redor, é nas confluências de histórias, experimentações e conhecimentos que defendo que os currículos das escolas são criações cotidianas (OLIVEIRA, 2016) e que os espaços são territórios dinâmicos sobre os quais ocorrem constante trânsito e diferentes manipulações (CERTEAU, 2014, p. 183). As favelas se apresentam como espaços de existência, resistência e criação curricular que não cabem nos recortes da lógica de mercado, com mais força ante o cenário pós-pandêmico, que sob a justificativa de repor o que foi perdido fixam padrões de qualidade, demarcam tempos e territórios. Para além da pretensão da fixação de sentidos das prescrições oficiais, apostando no estado gasoso (COELHO, 2018) dos currículos, que se esvaem e sobre os quais não se exerce controle, na defesa dos cotidianos das escolas como espaços de criação e inventividade, aponto para a criação curricular *na, da e com* a favela e *com* os sujeitos praticantes (CERTEAU, 2014, p. 44) como potenciais para a formação de professores e produtos curriculares invisibilizados, que chamo de *currículos favelados*.

*Considerando-os como currículos gasosos* (COELHO, 2018, p. 211), que desbordam grades e matrizes curriculares, os currículos favelados são entre-lugar (BHABHA, 2013, p. 209), o deslocamento da dicotomia que hierarquiza os currículos oficiais e prescritos. Como entre-lugares, habitam a interseção favela – escola, sendo menos que os currículos, mais que os currículos; menos que a escola, mais que as escolas; menos que um, mais que o dobro. Valendo-me da antropofagia oswaldiana, esse hibridismo “transforma o tabu em totem” (ANDRADE, 2011, p. 139), manipula o que se entende por cultura, desforma e transforma em algo próprio, legítimo, criativo. Trata-se de um hibridismo antropofágico que se baseia em um movimento circular (GINZBURG, 2006, p. 12) de deglutição, uma vez que não se apresenta como algo estático, mas em constante movimento, dinâmico, estético, poético e literário, escapando do que se compreende como válido e criando (OLIVEIRA, 2016) sua validade na invisibilidade e na invalidez que é produzida por concepções culturais/curriculares subalternizantes e marginalizadoras.

Objetivo, para além das margens da pesquisa, das escolas faveladas e periféricas, apontar a dimensão artesanal desses currículos criados cotidianamente, que são fluidos, híbridos e gasosos, cuja riqueza e autoria não podem ser capturadas pela unificação curricular. Adotando como metodologia a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, os lugares de onde emerge esta pesquisa não poderiam ser outros a não ser os próprios cotidianos favelados que se hibridizam com as (neco)políticas (MBEMBE, 2016) de currículo de modo a criar um lugar próprio de resistência nos fundos das salas de aula. Opõem-se, contudo, à permanência de dualismos, e ao contrário de caminhos convergentes os saberes curriculares aqui defendidos se manifestam de forma multilateral, multifocal e multilocal, assumindo sua origem sem disfarçar quem de fato eles são. Esses currículos gasosos trilham caminhos tortos, próprios, que afrontam os impostos pela ordem da rigidez curricular oficial. A partir de que ponto a desobediência se transforma no monstruoso? Afinal, sobre caminhos, *o que mapas, registros e guias realmente nos dizem?*

Qualquer picareta que desenhe uma capa de revista pode borrifar tinta aleatoriamente e chamá-la de pesadelo ou de o Sabá das Bruxas ou de o retrato do Diabo, mas apenas um grande pintor pode fazer com que essa coisa realmente assuste ou que se pareça real. Isso porque apenas um artista de verdade conhece a real anatomia do terrível ou a fisiologia do medo – o tipo exato de linhas e proporções que se conectam com instintos latentes ou memórias hereditárias do medo, e os contrastes de cores e efeitos de iluminação adequados que despertam o sentimento de estranheza adormecido. (LOVECRAFT, 2021).

Parafrazeando o conto *O Modelo de Pickman (Pickman's Model)* de H. P. Lovecraft (1927), que narra a breve história de um pintor solitário que produz obras descritas como diabólicas por seu colega de trabalho, mas que para o artista são vistas apenas como arte a partir de sua representação de mundo de acordo com suas crenças, ao tentar ler as favelas e outros lugares periféricos enfrentamos a cegueira epistemológica (OLIVEIRA, 2007; SÜSSEKIND; PARASKEVA, 2018) que habita em nós e que nos faz enxergar por prismas que nos oferecem uma visão parcial daquilo que enxergamos de acordo com o que nos é intrínseco. Para além disso, nossa visão ocidental, abissal (SANTOS, 2010) em sua essência, embranquecida e higienista nos conduz por vezes ao silenciamento daquilo que nos escapa dos conceitos que conhecemos de normalidade, de validação e de aceitabilidade em que acreditamos e em que, no contexto desta pesquisa, se pautam os desdobramentos curriculares oficiais.

O medo do desconhecido é quase um lugar-comum na vida cotidiana, em que lógicas e visões de mundo não convencionais, que fogem do molde epistemológico que impera sobre os demais, são tidas como profanas, subalternas e até mesmo diabólicas, devendo, portanto, ser exorcizadas e excomungadas. Mas se entendemos os cotidianos como espaços de prática curricular (OLIVEIRA, 2016; CERTEAU, 2014), e que esse curricular não é impermeável, reconhecemos que os currículos são atravessados por conhecimentos que se originam de diferentes pontos cardeais, e não apenas do Norte, e um desses pontos é a favela, que contesta o incontestável e refuta o oficial.

Apesar dos vieses herdados do comportamentalismo ao longo dos últimos anos, a partir dos quais é plenamente possível estabelecer uma relação simétrica entre definição de objetivos e domínio de competências, destaco um deslocamento multilateral para além das margens dos currículos oficiais. Se os currículos praticados (OLIVEIRA, 2016) nos cotidianos são híbridos e se esse hibridismo se dá de maneira fluida, advogo aqui a necessidade não só de um deslocamento para o Sul epistemológico (SÜSSEKIND, 2019), mas de um deslocamento multidirecional, nas fronteiras entre os pontos cardeais, colaterais e subcolaterais da diversidade “em um movimento exploratório incessante, aqui e lá, de todos os lados, para lá e para cá, para a frente e para trás” (BHABHA, 2013, p. 19).

Assim, concluímos que nas margens e meandros, se conversamos nos/com os *espaçostempos* (ALVES, 2001) cotidianos fronteiriços nos quais nos constituímos *professorespesquisadores* e os reconhecemos como entre-lugares (BHABHA, 2013) de formação, conhecimento e deslocamento de linhas abissais, nadamos nesse rio em/entre/sobre/sob “passagens intersticiais entre identificações fixas, que abrem a possibilidade de hibridismos que acolhem a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 2013, p. 23). Ainda que documentos que se apresentem como currículos se autointitulem verdades globais e hierarquizantes, e que esse modelo curricular se traduza na classificação, no controle do trabalho e na exposição de professores ante a qualidade pretendida, os currículos criados no dia a dia nas salas de aula, cujo estado físico é gasoso, continuarão a habitar as escolas e os espaços cotidianos nos quais essas escolas se constituem, porque a favela é viva.

E foi assim pela vida  
Navegando em tantas águas  
Que mesmo as minhas feridas  
Viraram ondas ou vagas  
Hoje eu lembro dos meus rios  
Em mim mesma mergulhada  
Águas que movem moinhos  
Nunca são águas passadas

(MENDES; PORTUGAL, 2007).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I.; ALVES, N. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 2001.
- ALVITO, M. **As cores de Acari: uma favela carioca**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2011.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. Rio Grande de Sul: Editora Unisinos, 2003.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

COELHO, G. Monstros, Rojões, Bambus, Bolas e o Fundão: encantarias em performances de uma juventude rueira. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v.8, n.2, p. 197-2018, abr./jun. 2018.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

LOVECRAFT, H. P. **O modelo de Pickman**. Florianópolis: Skript, 2021.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016.

MENDES, R. PORUGAL, J. **Memória das águas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PkNGhZQ2zXA>. Acesso em: 10 abr. 2023.

OLIVEIRA, I. B. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. **Educação e Sociedade**. Campinas, SP. v. 28, n.98, p. 47-72, jan/abr.2007.

OLIVEIRA, I. B. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: Faperj, 2016.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. IN: SANTOS, B.S., MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SÜSSEKIND, M. L. As (im)possibilidades de uma base nacional comum curricular. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03 p.1512 – 1529 out./dez. 2014.

SÜSSEKIND, M. L. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: *reformas arrogantes, indolentes e malévolas*. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 91-107, jan./mai. 2019.

SÜSSEKIND, M. L.; PARASKEVA, J. Contra a cegueira epistemológica nos rumos da teoria curricular itinerante. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, América do Norte, 1512 06 2018.